



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 140-144, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

APRESENTAÇÃO

SOCIOLINGUÍSTICA(S), LINGUAGENS E SOCIEDADE

Juscelino Francisco do Nascimento

Tratar da Sociolinguística no cenário brasileiro é uma tarefa que vem sendo desempenhada, há algumas décadas, por diversos pesquisadores, dentro dos estudos da linguagem, tanto em nível de graduação, quanto em pós-graduação *lato e stricto sensu*.

Como sabemos, a partir da virada paradigmática, em meados do século XX, os estudos linguísticos passaram por diversas mudanças, visto que, nesse período, o estudo da língua passou a privilegiar a sua relação com a sociedade, o que vai de encontro ao que postulava a corrente estruturalista, que tem, como pilar, o genebrino Ferdinand de Saussure, autor do **Curso de Linguística Geral**, obra póstuma que marca o nascimento da Linguística Moderna, ao se definir o objeto de estudo da linguística (a língua), seu método de abordagem e, também, seus princípios gerais (BORTONI-RICARDO, 2014)¹.

A Sociolinguística já tem o estatuto de ciência autônoma e interdisciplinar desde os trabalhos pioneiros de William Labov, na década de 1960, embora, conforme Calvet (2002)², Antoine Meillet já tivesse desenvolvido, mais de um século antes, estudos em que ele destacava o caráter social da língua. Apesar disso, foi somente a partir da primeira conferência de Sociolinguística, organizada por William Bright, na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles, que essa área passou a ter mais visibilidade.

De acordo com Calvet (2002), esse encontro foi realizado de 11 a 13 de maio de 1964, com a participação de 25 pesquisadores, dentre os quais havia 8 da UCLA, 2 iugoslavos e 15 outros americanos. Para citar alguns desses precursores,

¹ BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

² CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

destacamos John Gumperz, Dell Hymes, William Labov, John Fisher e Charles Ferguson.

Não obstante se trate de uma área da Linguística Funcionalista, a sociolinguística surge de duas premissas básicas da Linguística Estruturalista, como aponta, ao fazer remissão a outro trabalho, Bortoni-Ricardo (2014): a) o relativismo cultural, com base em Franz Boas, segundo o qual nenhuma língua é superior a outra; e b) a heterogeneidade linguística, haja vista que as línguas são, por natureza, variáveis.

Conforme a pesquisadora, há, em todo o mundo, o número estimado de 6 a 7 mil línguas. Segundo ela, não dá para se ter um número exato, visto que ainda há, especialmente na África, na Ásia e na América do Sul, línguas que ainda não foram catalogadas; e, além disso, por conta da heterogeneidade linguística, não dá para identificar uma língua facilmente, já que os seus falantes não falam da mesma forma e, assim sendo, por conta da variação, os estudiosos têm dificuldade para definir se este ou aquele idioma se trata de uma língua ou apenas de uma variedade dessa mesma língua (BORTONI-RICARDO, 2014).

Esse dado apresentado pode ser facilmente comprovado no nosso país, cujas dimensões geográficas continentais e uma população superior a 200 milhões de habitantes fazem com que a variabilidade seja facilmente identificada, inclusive porque, aqui, são faladas mais de 200 línguas, com seus diferentes dialetos (BORTONI-RICARDO, 2005)³.

No princípio da Sociolinguística, na segunda metade do século passado, os pesquisadores americanos detiveram-se à “constatação de que crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao de crianças provenientes de classe média e alta.” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 12).

Conforme a autora, essa diferença se dava em virtude do grau de letramento a que essas crianças eram expostas no contexto familiar, o que não difere da realidade brasileira atual ou do mesmo período acima aludido, já que as diferenças econômicas e sociais contribuem para esse hiato entre as competências adquiridas pelas crianças das redes públicas e privada do país, notadamente quando se faz

³ BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?:** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

uma comparação desleal entre as grandes escolas particulares, situadas em centros urbanos, com escolas públicas de lugares mais longínquos, situadas, por exemplo, na zona rural ou em comunidade tradicionais, como quilombolas, indígenas, as de matriz africana ou de terreiro, ribeirinhos, extrativistas, ciganos etc.

Apesar de a Sociolinguística ganhar corpo na década de 1960, foi ainda no século XX que surgiram as primeiras concepções que viam a língua em uma perspectiva social. Temos, então, o já citado Meillet, além dos russos Nikolai Marr e Mikhail Bakhtin. Segundo Calvet (2002, p. 16), Meillet já anunciava que a língua é um fato social por meio do qual se pode evidenciar a variação lingüística e a mudança social, *i. e.*, a variação é decorrente de fatores sociais.

Conforme Coelho⁴ (2010), embora Meillet fosse discípulo de Saussure, esse propôs um sistema abstrato da língua, por meio de signos linguísticos, ao passo que aquele buscou explicar a estrutura linguística com base em fatores históricos e sociais, como também o fez Labov, décadas depois, quando publicou, em 1966, os resultados de suas pesquisas sobre a estratificação social do /r/ em lojas de departamentos em Nova Iorque, o que, segundo Calvet (2002), aproxima as ideias dele [Labov] às de Meillet, já que ambos veem o caráter social da língua, em períodos distintos.

Ainda à luz de Coelho (2010, p. 16), os russos Marr e Bakhtin deram suas contribuições para a gênese da Sociolinguística ao postular, respectivamente, que “[...] as línguas são instrumento de poder e refletem a luta de classes sociais” e que se deve dar “[...] um enfoque da língua na interação verbal historicamente contextualizada (seja num contexto imediato, seja num contexto social mais amplo)”.

Como outras ciências, a Sociolinguística também tem as suas ramificações e, dentre elas, destacamos, para ilustrar, a Variacionista (ou quantitativa ou, ainda, laboviana), a Qualitativa, a Interacional, a Educacional e a Histórica.

Embora reconheça a importância de cada uma delas, deteremo-nos, neste texto, a alguns apontamentos referentes à Variacionista, que tem, como maior expoente, William Labov.

É com esse pesquisador que temos a chamada primeira onda da sociolinguística, que se baseia em entrevistas e vê a realidade da língua por esse

⁴ COELHO, I. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

meio, em comunidades de fala, as quais não são definidas, conforme Luz (2020)⁵, referindo-se a Labov (2008)⁶, por acordos entre os usuários da língua, mas, sim, por normas compartilhadas entre os interagentes.

Tarallo (2003, p. 6)⁷, ao discorrer sobre a língua, afirma que “[...] a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”. Essa constatação, sem dúvidas, é ponto pacífico entre os (sócio)linguistas.

Ao tratarmos de variação linguística, com base em Calvet (2002) e Beline (2004)⁸, damos ênfase a três tipos principais: a geográfica ou diatópica, a histórica ou diacrônica e a sociocultural ou diastrática.

De acordo com Preti (2003, p. 24)⁹, as variedades geográficas “(...) ocorrem num plano horizontal da língua, na concordância das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados *regionalismos*, provenientes de *dialetos* ou *falares locais*”. Como exemplo, podemos citar *semáforo*, *farol* e *signal*, que, embora se refiram à mesma coisa, são falados de formas diferentes a depender de cada região.

A variedade histórica (diacrônica) diz respeito à variação decorrente do tempo, pois, para Calvet (2002, p. 79), “as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a mudança diacrônica se acrescenta a outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”. Esse tipo de variação pode ser percebido na fala de idosos em relação à fala de jovens de uma mesma cidade, por exemplo.

Por fim, as variedades socioculturais ou diastráticas, “compreendem as variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização dentro da mesma região, raça, as quais podem determinar traços originais na linguagem individual.” (PRETI, 2003, p. 17). Essa variação é evidenciada pelo ambiente em que o falante está inserido, como em um ambiente

⁵ LUZ, J. **O caminhar indígena por uma pedagogia (inter)culturalmente sensível**: Interações sociolinguísticas na Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena”. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) . Universidade Estadual do Mato Grosso, Sinop, 2020.

⁶ LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

⁷ TARALLO, F. **A pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2003.

⁸ BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. v. 1. São Paulo: Contexto, 2004. p. 121-140.

⁹ PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 2004.

profissional, grupos de jovens, capoeiristas, professores, entre outros grupos sociais de falantes.

Para além desses tipos básicos de variação, é preciso compreendermos que há, também, os fatores extralinguísticos, ou seja, tem-se que considerar todo o contexto, assim como a entonação, a prosódia, as expressões faciais, os movimentos corporais feitos no momento da interação etc., pois contribuem para compreendermos o que é falado.

As nossas relações sociais são estabelecidas por meio da língua, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita, ambas sujeitas à variação. Por essa razão, toda a sociedade precisa compreender a variabilidade, aceitá-la, não apenas como um fenômeno inerente a todas as línguas naturais, mas, sobretudo, como algo que precisa ser respeitado, reconhecido e compreendido, sem ser desprestigiado, já que, conforme Bortoni-Ricardo (2005), há mais de uma maneira de se dizer a mesma coisa.

Correspondência:

Juscelino Francisco do Nascimento. Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB)*, Coordenação do Curso de Letras. Líder do Grupo de Pesquisa Língua(gens), Ensino, Variação e Letramentos (CNPq/UFPI). Picos, Piauí, Brasil. E-mail: juscelinosampa@hotmail.com

Recebido em: 31 de agosto de 2020.

Aprovado em: 1 de setembro de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4141/2772>